

OPINIÃO

DESAFIOS DO SETOR SUCROENERGÉTICO

GUSTAVO DINIZ JUNQUEIRA
Secretário da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo

A COMEMORAÇÃO dos cinquenta anos do Centro de Tecnologia Canavieira (CTC) fecha com chave de ouro a agenda do setor sucroalcooleiro no primeiro semestre de 2019. Tive a oportunidade de participar de três grandes eventos, nacionais e internacionais, que buscam soluções para a retomada econômica do setor que representa 45% do Produto Interno Bruto (PIB) do agro do estado de São Paulo. Em conjunto com o governador João Doria, estive em Nova York, no Sugar Dinner, e em São Paulo, no Ethanol Summit, além, é claro, das festividades do meio século do CTC.

É essencial debater sobre as principais barreiras e desafios para a retomada do crescimento e da perenidade das indústrias globais de açúcar e etanol.

O Brasil é o maior produtor de cana-de-açúcar do mundo, e São Paulo, por sua vez, é responsável por 55% da produção canavieira do País – 48% do etanol e 37% do açúcar. Graças ao empreendedorismo brasileiro e aos esforços paulistas, o setor tem focado no desenvolvimento de tecnologias e inovação, como as pesquisas para a produção de biogás e biometano e o etanol de 2ª geração – o etanol 2G –, que poderá aumentar a produção em até 50% sem qualquer aumento da área de cultivo.

Também quando falamos em sustentabilidade e economia circular, o setor sucroenergético destaca-se pela diversidade de seus produtos e pelas suas externalidades positivas. Toda essa cadeia produtiva está comprometida com a proteção da biodiversidade. A sustentabilidade, econômica, social e ambiental, está no DNA do setor sucroenergético.

Apesar de termos uma história de sucesso, ainda há muito a ser feito. Muitos são os desafios enfrentados pelo setor, como o custo e a produtividade da lavoura.

O açúcar tem sofrido fortemente com distorções no comércio internacional, afetando a competitividade brasileira. A prática de subsídios à exportação, a manutenção artificial dos preços, as sobretaxas – de quase 90% em alguns casos – impostas à importação do produto brasileiro restringem e protegem diversos mercados e produtores internacionais, como Estados Unidos, União Europeia, Rússia, Japão e China.

Lutar contra o protecionismo e os subsídios para produção e exportação, bem como abrir mercados e derrubar as barreiras de importação, não só do açúcar, mas também do etanol brasileiro, deve ser um trabalho conjunto e integrado de todos os agentes envolvidos no ecossistema desse setor. O governo do estado de São Paulo abrirá os seus escritórios no exterior justamente para atuar como facilitador de exportações e, também, atrair investimentos para o estado.

O papel do setor privado é fazer o que já tem feito nos últimos anos, cada vez mais com foco em gestão e inovação e sempre em busca de flexibilidade na produção e no aumento da produtividade. É por meio do desenvolvimento de tecnologias disruptivas e de alto impacto que teremos significativos ganhos de produtividade e flexibilidade na produção.

Cada um deve fazer a sua parte – em bases liberais, com visão de longo prazo, estruturas sólidas para investimentos, gestão e integração. Os setores público e privado têm cada um o seu papel, mas devem convergir para um mesmo objetivo: reaquecer a economia paulista para investimentos e acesso a novos mercados. ■

O governo do estado de São Paulo abrirá escritórios no exterior para atuar como facilitador das exportações e atrair investimentos para o estado.